

SURDEZ E ESTRANHAMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

LA SORDERA Y LA EXTRAÑEZA:
UNA PERSPECTIVA PSICOANALÍTICA

DEAFNESS AND STRANGENESS:
A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

João Vitor Jaeger
Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
ORCID: 0009-0008-4298-9183
Correio electrónico: joaojaeger@hotmail.com

Luciane De Conti
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ORCID: 0000-0002-6022-9259
Correio electrónico: luciane.conti@ufrgs.br

Data de Recebimento: 31-10-2024
Data de Aceitação: 08-11-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article
De Conti L. (2024) SURDEZ E ESTRANHAMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA
Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: DOI.ORG/10.60139/INTERPSIC/15.2.6
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

SURDEZ E ESTRANHAMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

João Vitor Jaeger¹
Luciane De Conti²

1 Psicanalista bilíngue (português e Libras) membro do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, professor e supervisor no Instituto Horizontes, mestre em Psicanálise: clínica e cultura pela UFRGS, tradutor e intérprete de Libras.

2 Licenciatura em Psicologia (1992), Mestrado (1996) e Doutorado (2004) em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, com doutorado sanduíche na Université de Nantes, França. Está realizando estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG sob a supervisão da Profa. Dra. Andréa Máris Campos Guerra. Atualmente é professora e pesquisadora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e da Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana - IPSSCH da UFRGS, atuando na linha Psicanálise, teoria e dispositivos clínicos. É uma das co-coordenadoras do NEPIs/UFRGS Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias, faz parte do grupo Grifars/ UFRN Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Auto.Biografia, Representações e Subjetividade, da Rede Internacional Coletivo Amarrações e do GT da Anpepp Psicanálise, Política e Clínica. Tem experiência na área de psicanálise com ênfase em vulnerabilidades, violências, sofrimento psíquico e dispositivos clínicos em situações sociais críticas.

Resumo: Ao longo da história, até os dias atuais, os Surdos, como grupos minoritários, sofreram e ainda sofrem com a imposição da hegemonia ouvinte. Apesar disso, lutam pelos seus direitos e reconhecimento como grupo cultural. O presente artigo visa a debater o tema da Surdez desde uma perspectiva psicanalítica. Para tanto, discute-se o viés da surdez como deficiência e da Surdez como diferença cultural articulados com a noção freudiana de Unheimlich - estranho e infamiliar. Considerando os Surdos como estrangeiro na própria pátria, exploramos a estrangeiridade e as tensões entre os diferentes tomando como referência freudiana a noção de narcisismo das pequenas diferenças. Por fim, propomos uma atitude hospitaleira, trazendo para discussão a noção de hospitalidade proposta por Derrida.

Palavras-chave: Surdez, Psicanálise, Unheimlich, Hospitalidade.

Resumen: A lo largo de la historia, hasta la actualidad, los Sordos, como grupo minoritario, han sufrido y sufren la imposición de la hegemonía oyente. A pesar de ello, luchan por sus derechos y reconocimiento como grupo cultural. Este artículo tiene como objetivo discutir el tema de la Sordera desde una perspectiva psicoanalítica. Para ello, discutimos el sesgo de la sordera como discapacidad y de la sordera como diferencia cultural articulada con la noción freudiana de Unheimlich - extraño y desconocido. Considerando al Sordo como un extranjero en su propia patria, exploramos la extrañeza y las tensiones entre los diferentes, tomando como referente freudiano la noción del narcisismo de las pequeñas diferencias. Finalmente, proponemos una actitud hospitalaria, trayendo a discusión la noción de hospitalidad propuesta por Derrida.

Palabras clave: Sordera, Psicoanálisis, Unheimlich, Hospitalidad.

Abstract: Throughout history, the Deaf, as a minority group, have suffered and still suffer from the imposition of hearing hegemony. Despite this, they fight for their rights and recognition as a cultural group. This article aims to discuss the issue of Deafness from a psychoanalytical perspective. To do so, we discuss the bias of deafness as a disability and Deafness as a cultural difference articulated with the Freudian notion of Unheimlich. Considering the Deaf as a foreigner in their own homeland, we explore the foreignness and the tensions between the different, taking the notion of narcissism of small differences as a Freudian reference. Finally, we propose a hospitable attitude, bringing to discussion the notion of hospitality proposed by Derrida.

Keywords: Deafness, Psychoanalysis, Unheimlich, Hospitality.

Reconhece-se que a psicanálise é a cura pela fala, desde que Anna O. nomeia o método utilizado para seu tratamento como *talking cure* (Breuer e Freud, 1893-1895/1988). Na ocasião, conforme apresentados em seus estudos sobre a histeria realizados junto com Josef Breuer, Freud (1893-1895/1988) percebeu que falar livremente tinha um efeito terapêutico, aliviando os pacientes de seus sintomas. A partir disso, Freud dá início à escuta psicanalítica e cria um método para curar seus pacientes. Método esse que convida o paciente a falar livremente – associação livre –, enquanto o analista escuta também de forma livre aquilo que está sendo dito – atenção flutuante. O encontro da fala livre com a escuta flutuante converte-se, então, na pedra angular da clínica psicanalítica. Além do mais, para facilitar a fala e a escuta, Freud sentado logo atrás, convida seus pacientes a se deitarem no divã para que ambos, distantes do olhar e escrutínios mútuos, sentissem-se ainda mais à vontade para falar (paciente) e escutar (analista) livremente. Esse método torna-se eficaz na cura das afecções da alma.

A cena é comum entre psicanalistas: paciente deitado no divã, enquanto o analista senta-se logo atrás. Esse arranjo é possível, assumindo que o diálogo se dá entre e no encontro da fala que sai pela boca e chega aos ouvidos atentos daquele que escuta.

Até aqui, pautamos a fala e a escuta em um terreno próprio da audição que reconhece no som o meio possível para a comunicação. Ou seja, tomamos a fala pela oralização. Todavia, não é apenas pela boca e pelos ouvidos que a comunicação se dá. Outras vias também são reconhecidas para tanto. Falamos das línguas de sinais, próprias à comunicação dos surdos.

As línguas de sinais operam no campo visual e são, por característica, gestuais. Isso quer dizer que a fala não se dá pela boca, mas pelas mãos; a escuta não se dá pelo ouvido, mas pelos olhos. Para aquele que está habituado ao uso de uma língua de sinais, é natural compreender essa diferença; contudo, para aquele que não está familiarizado com esse meio de comunicação, a língua de sinais pode lhe parecer estranha. Da mesma forma, para o ouvinte, o contato com uma pessoa surda também pode lhe ser estranho.

Habitualmente a psicanálise, em sendo a cura pela fala – normatizada hegemonicamente como sendo a fala oralizada, esteve restrita àqueles que se comunicam com uma língua oral. Sendo assim, os surdos ficaram – e ainda muitas vezes ficam – impedidos de se beneficiar do tratamento psicanalítico. Pensar a psicanálise realizada em língua de sinais pode, para muitos, soar incomum, ou até mesmo estranho. É com estranhamento que a psicanálise recebe, em seu território teórico-clínico, a pessoa surda, ainda que isso esteja se tornando uma realidade possível, como apontam estudos de Solé (2005), Souza (2021), Halabe (2018). O presente texto, portanto, situa-se em conjunto com os estudos em psicanálise que apontam para um horizonte mais amplo e acessível a pessoas surdas.

Freud, ao longo de sua obra, indicou alguns conceitos da psicanálise que apresentariam variações ou discordâncias teóricas entre os estudiosos, conforme indica Trachtenberg (2013). A forma como se referiu a esses conceitos foi se servindo de uma passagem bíblica¹ onde se usava uma palavra operada como código, ou senha, para distinguir os inimigos dos aliados. O termo em questão é shibboleths. A forma como era pronunciada a primeira sílaba – Xibolete ou Sibolete – indicava qual a procedência do fugitivo. No português, a palavra Xibolete leva o seguinte significado: “Som ou palavra de difícil articulação e cuja pronúncia trai a origem estrangeira da pessoa” (Xibolete, 2023).

Conforme Trachtenberg (2013),

O inconsciente, a teoria dos sonhos, a sexualidade infantil e o complexo de Édipo são, portanto, para Freud, os shibboleths que definem uma identidade: ser psicanalista. Estabelecem fronteiras demarcadas, não transitáveis, dividindo os “partidários dos adversários da psicanálise”, os seguidores de seus fundamentos daqueles que os recusam ou que devem ‘renunciar para sempre a compreendê-la’. (p. 56)

No campo dos Estudos Surdos², encontramos também um termo com duas grafias distintas que apontam para caminhos conceituais opostos, a saber: Surdo e surdo. Surdo, escrito com a letra maiúscula, “refere àquele que é membro de uma minoria linguística e cultural com atitudes, normas, valores e uma constituição física distintos” (Lane, 2002, p. 284). Por sua vez, surdo, escrito com a letra minúscula, faz referência à perda auditiva, deficiência, e outros discursos que não reconhecem a Surdez (Wrigley, 1997). Estamos aqui diante de um termo que, na forma como é escrito, denota o referencial discursivo e a perspectiva daquele que o usa.

No intuito de situar um estudo que lida com um tema pouco comum, e da forma como propomos nesse texto, estrangeiro à psicanálise, é fundamental que encontremos, além daqueles que Freud elencou, outros shibboleths. Nesse sentido, da mesma forma que os Gileaditas pedem aos Efraimitas que pronunciem a palavra shibboleth, com a finalidade de encontrar a marca fonética do estrangeiro, podemos perguntar àqueles que se aproximam do terreno da Surdez como se referem ao Surdo: se com letra maiúscula ou minúscula.

A fala, que é tão cara à prática de escuta psicanalítica, apresenta também pontos de tensão quando em contato com a temática da Surdez. Seria a fala outro conceito limite? Perguntemos também ao leitor: Falar é uma ação estritamente oral e ocorre exclusivamente manifesta pela língua oral, ou falar não se limita ao plano acústico e pode ocorrer também de forma gestual pelo uso de uma língua de sinais? Cada uma das escolhas implica em um ponto de vista que pode, em certas ocasiões, se impor como divisor de águas, ou barreira intransponível nos caminhos que levam a formulações teóricas e, conseqüentemente, prática clínica.

1 Juízes, Cap 12, Versículos 5 e 6: “Porque tomaram os gileaditas aos efraimitas os vãos do Jordão; e sucedeu que, quando algum dos fugitivos de Efraim dizia: Deixai-me passar; então os gileaditas perguntavam: És tu efraimita? E dizendo ele: Não, Então lhe diziam: Dize, pois, Chibolete; porém ele dizia: Sibolete; porque não o podia pronunciar bem; então pegavam dele, e o degolavam nos vãos do Jordão; e caíram de Efraim naquele tempo quarenta e dois mil”.

2 Conforme Skliar (2016, p. 5): “Os estudos surdos se constituem como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político”.

Não é sem estranhamento que percebemos a necessidade de estabelecer novos parâmetros quando avançamos para um território estrangeiro, ou quando recebemos um estrangeiro em nossa casa. Surdo e Surdez são estrangeiros e infamiliars ao campo teórico clínico da psicanálise.

No presente manuscrito, portanto, pretendemos abordar, pelo referencial psicanalítico, a temática da surdez situada a partir de uma perspectiva cultural dominante ouvintista³. Para isso, propomos delinear nossa reflexão por duas vias: 1) aquilo que é infamiliar no contato com o surdo; 2) a estranha estrangeiridade do surdo.

Desde já esclarecemos que, diante da palavra alemã *Unheimlich*, da forma como Freud operou seu uso, encontramos algumas traduções para a língua portuguesa: estranho, inquietante, infamiliar. Para o presente texto, escolhemos duas, a saber: estranho e infamiliar. Ambas carregam consigo os elementos morfo e etimológicos suficientes para abordar o tema proposto. O que é infamiliar corresponde ao que Freud (1919/1976a) sustenta no texto “Das Unheimlich” e se mostra como versão precisa da ambivalência própria contida na palavra. Assim, *Unheimlich* e infamiliar possuem a afirmação do que é familiar e a presença do sufixo que nega a familiaridade, conforme abordaremos adiante. Por sua vez, estranho, atravessado pela infamiliaridade, conduz-nos a outro território; leva-nos para o estrangeiro.

Surdez e infamiliar

O tema do estranho, conforme Freud, “relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que causa medo e horror” (Freud, 1919/1976a, p. 276). Além disso, acrescenta que “pode-se reunir aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensoriais, experiências e situações que despertam o sentimento de estranheza” (Freud, 1919/1976a, p. 277).

Para explorar o tema, Freud inicia uma investigação linguística buscando na própria palavra os elementos que venham a confirmar sua hipótese. Nesse sentido, compreende que na palavra alemã *Unheimlich*, encontra-se também aquilo que é *heimisch*. Ou seja, naquilo que se apresenta como infamiliar está contido o que é familiar. A partícula *Un* no alemão corresponde à *in* no português e serve como negação. Sendo assim, Freud assume que “*Unheimlich* é o que uma vez foi *heimisch* e o prefixo *Un* representa o sinal da repressão” (Freud, 1919/1976a, p. 305). Citando Schelling, Freud anuncia que “*Unheimlich* é o nome de tudo que deveria ter permanecido... secreto e oculto, mas veio à luz” (Freud, 1919/1976a, p. 281).

³kliar (2016, p. 15), “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

Seguindo as reflexões de Freud, encontramos uma pergunta subjacente: o que fora familiar e que, uma vez reprimido, retorna como aspecto estranho, ou infamiliar causando medo e horror ou até um certo mal-estar? Freud busca no conto fantástico “O homem da areia” de Hoffmann os elementos para formular uma resposta.

Na concepção de Freud, a história não gira em torno, apenas, do apaixonamento de Nataniel por uma boneca chamada Olímpia; apontando para outro ângulo, todavia, “o tema principal da história é o ‘Homem da areia’ que arranca os olhos das crianças” (Freud, 1919/1976a, p. 285). Sendo assim, o efeito de estranhamento gerado pela leitura da história diz respeito ao horror de perder os olhos. Estamos, portanto, diante de uma história que apresenta o perigo, não só de perder, mas de ter os olhos arrancados como punição por desobediência – no caso, a criança não respeitar a hora de ir para cama dormir.

Para Freud (1919/1976a), esse medo corresponde ao mais terrível temor das crianças e acrescenta que os adultos também compartilham de tal terror. O medo de ficar cego, portanto, se apresenta como substituto do temor à castração. Além de ficar cego, também considera que “a ameaça de ser castrado excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura, e que é essa emoção que dá, antes de mais nada, intenso colorido à ideia de perder outros órgãos” (Freud, 1919/1976a, p. 289). Encontramos nessa passagem a abertura que nos permite pensar o estranhamento relacionado ao tema da surdez. Logo, a pessoa surda denuncia pela perda da audição ter sido castrada. O surdo, comparado com o ouvinte, então, é aquele que ‘perdeu’ a audição, aquele que foi privado da capacidade de ouvir, aquele que foi castrado.

Seguindo por esse caminho, Freud aponta para o fenômeno do ‘duplo’ como estando relacionado àquilo que é estranho, ou infamiliar. O ‘duplo’ estaria na ordem dos personagens, e podemos acrescentar pessoas, que “devem ser considerados idênticos, porque parecem semelhantes, iguais” (Freud, 1919/1976a, p. 293). Nesse sentido, Freud acrescenta que o fenômeno do ‘duplo’ pode se manifestar também pela via da identificação do sujeito com outra pessoa. Assim, isso se daria como consequência de uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu com o outro. A parte duplicada seria, então, projetada no outro e “retornaria apresentando os mesmos aspectos, características das atividades em geral, através das diversas gerações que se sucedem” (Freud, 1919/1976a, p. 293).

Conforme Rank (1925/2014), o fenômeno do ‘duplo’ aparece como recurso psíquico para suportar o pensamento da morte. Todavia, o mesmo fenômeno que aparece como defesa e possibilidade de uma vida eterna, também retorna como forma de ameaça, como mensageiro da temida destruição eterna, como um mensageiro da morte (Rank, 1925/2014). Nesse sentido, o outro, o ‘duplo’ é temido por anunciar a castração.

Nessa direção, podemos considerar que, no que tange ao tema da surdez, para o ouvinte, o surdo é aquele que retorna como mensageiro da castração. Isso porque apresenta no próprio corpo a marca da perda, da privação. Diante disso, o ouvinte tem dificuldade de se identificar com o surdo, pois encontra, na diferença da percepção auditiva, uma barreira. Pela identificação, conforme afirma Freud (1921/1976b), o ego de uma pessoa poderia se moldar com a finalidade de se fazer reconhecer em outra pessoa. O que se observa pela história dos surdos é o sentido oposto a essa afirmação.

Desse modo, o surdo tensiona no ouvinte o ideal narcísico de um corpo pleno, completo, ou seja, tensiona a experiência de totalidade. Dito de outra forma, o surdo confronta a busca do ouvinte por um “ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor” (Freud, 1914/1974b, p. 111). O surdo é muitas vezes compreendido apenas como um corpo estragado que precisa de reparo. Por esse caminho, o surdo “será sempre um corpo que necessita de reparos, de atualizações, de mapeamentos, de exames clínicos, de acompanhamento e de reabilitação. Será sempre um corpo que precisa ser corrigido” (Rezende, 2012, p. 78).

Nesse sentido, o discurso médico se apropria do surdo e o explora, investiga, estuda, tomando-o apenas pela anatomia do ouvido, com a finalidade de fazer o surdo voltar a ouvir da mesma forma que os ouvintes. Isolando qualquer subjetividade, a medicina busca métodos de intervenção e terapias que venham a restituir a audição do surdo. Nota-se que, seguindo esse modelo, assume-se o ouvinte como parâmetro de normalidade, encontrando no surdo um modelo de deficiência.

Acompanhando Freud em sua exploração acerca do que é *Unheimlich*, encontramos entre as coisas que podem causar estranhamento: “membros arrancados, uma cabeça decepada, mão cortada pelo pulso..., pés que dançam por si próprios”. Essa estranheza, afirma Freud, “origina-se da sua proximidade com o complexo de castração” (Freud, 1919/1976a, p. 304). Podemos compreender, a partir dessa afirmação, o sentimento de estranheza que uma pessoa considerada deficiente pode causar. Note-se aqui que esse efeito deve ser considerado em um contexto onde se toma o oposto como norma e parâmetro. Nesse sentido, o surdo é recebido com estranheza, percebido como anunciador da castração, desde que inserido em um contexto que assume a normalidade como seu oposto; ou seja, assumindo como padrão de normalidade a figura daquele que ouve, que é dotado de audição.

Ao final do texto, Freud (1919/1976a) levanta uma questão a respeito do medo infantil frente ao silêncio, à escuridão e à solidão. Pergunta-se sobre a origem desses sentimentos e se interrogam se estariam, de alguma forma, relacionados com o sentimento de estranheza. Sobre isso (Freud, 1905/1989), postula que seriam expressões do medo infantil de perder um ente querido. A escuridão, o silêncio e a solidão denotariam o desaparecimento do objeto amado, fazendo, então, com que a criança sentisse medo.

O silêncio, ou melhor, o mal-estar que o silêncio pode gerar, interessa-nos sobremaneira. Uma questão fundamental quando os ouvintes se aproximam dos surdos é a imaginação a respeito de um universo absolutamente silencioso. O ouvinte imagina o universo do surdo como sendo privado completamente de qualquer ruído ou som. Concordando com Lane (1992), esse pensamento é deveras aterrorizante e se aproxima das projeções que o ouvinte produz a respeito do seu suposto par de oposto surdo. Operando-se, então, em uma lógica binária, a experiência de estar no mundo, no que diz respeito ao som, se modularia entre som/não-som. Esses pensamentos, conforme o autor americano (Lane, 1992), dizem mais respeito ao egocentrismo do ouvinte do que efetivamente à percepção acústica.

O medo de perder a audição pode estar relacionado também com a fantasia de que a pessoa que não ouve estaria fadada ao isolamento, pois, sem ouvir, também ficaria impedida de se comunicar. A perda auditiva, conforme se imagina desde a perspectiva do ouvinte, se apresenta como a experiência de um silêncio absoluto e angustiante que impõe àquele que não ouve o isolamento. Nesse sentido, a pessoa privada da audição estaria destinada à selvageria, não podendo se comunicar pela fala oral uma vez que estaria impedida de escutar (Perlin e Quadro, 2006).

Conforme Wrigley(1997),

para o ouvinte, surdez representa a perda da comunhão, uma exclusão de seu mundo. Em termos cosmológicos, esta é a marca de um desfavor. É uma alteridade estigmatizada que deve ser vista com piedade, e, assim, excluída para as margens do reconhecimento social. O 'silêncio' deles representa banimento, ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. Sendo assim, apoio por caridade é incentivado como resposta. (p. 17)

Distante da comunicação, então, a pessoa que não ouve estaria fadada ao isolamento, ou sujeita ao controle daquele que ouve. Silêncio absoluto, banimento social, deficiência intelectual, capacidade simbólica limitada, entre outras formas de preconceito, são formulações do imaginário ouvinte que inferiorizam o surdo e usa desses argumentos como justificativa para práticas de dominação e colonização (Skliar, 2016).

Até aqui, partimos da perspectiva do ouvinte e de seu estranhamento, desconforto e mal-estar, diante da pessoa surda, pois ainda toma o surdo como um ouvinte que foi privado de uma capacidade. Esse argumento corrobora com a perspectiva médica, que historicamente, vem lutando para criar meios de restituição auditiva. Nesse caminho, o surdo é visto como um ouvinte que precisa de reparo. Por essa via se forçou o surdo a reproduzir o modelo ouvinte de estar no mundo, impedindo que ele pudesse desenvolver sua cultura e maneiras próprias de ser e existir.

O tema do estranhamento, conforme apresentado até aqui, tem orbitado em torno de um parâmetro eminentemente biológico, pois tomamos o tema ainda centrado na audição, presença ou ausência desta. Mas o tema exige um descentramento. É preciso que sejam considerados outros aspectos que tocam no tema da surdez, os quais iremos procurar delimitar na sequência.

Surdez e estrangeiridade

O estrangeiro, conforme aponta Koltai (2000, p. 21), “para o senso comum, é alguém que vem de outro lugar, que não está em seu país e que, ainda que em certas ocasiões possa ser bem-vindo, na maioria das vezes é passível de ser mandado de volta para seu país de origem, repatriado”. Na esteira do que afirma a autora, podemos acrescentar, para fins de nossa reflexão, além do aspecto geo-político, a dimensão linguística. Assim, concordamos com o que afirma Derrida. Para ele “o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade” (Derrida, 2003, p. 15).

Considerando os dois aspectos referidos acima, entendemos que o estrangeiro é aquele que vem de outro lugar, ele não é daqui, e fala também outra língua. Essa dupla marca que torna facilmente identificável o estrangeiro é de certa forma apreciada de forma ambivalente. Conforme Koltai (2000),

estrangeiro (grifos da autora) pode ser tanto o Outro inimigo – que pode ser imigrante, árabe, nordestino, negro ou judeu, dependendo da cultura e da época – quanto aquele que fascina por ter sobrevivido à separação. Objeto identificatório e contra-identificatório, diante do estrangeiro o sujeito nunca permanece indiferente, até porque é como se tivesse de fazer existir fora de si algo que lhe é interior. E se o Outro fosse eu mesmo? (p. 18)

A citação acima corrobora com o tema do ‘duplo’ discutido anteriormente, no sentido de pensar esse Outro que vem de fora e se apresenta de forma distinta em seus hábitos e língua, que põe em xeque a onipotência daquele que o recebe. Também podemos pensar no sentimento terrorífico vivido pelo ouvinte ao se deparar com Outro surdo e perguntar a si mesmo: e se eu me tornasse surdo?

Nesse sentido, “o estrangeiro sacode o dogmatismo ameaçador do logos paterno” (Derrida, 2003, p. 7) e interroga as leis que regem as trocas simbólicas do povo onde pede asilo, “como se o Estrangeiro devesse começar contestando a autoridade do chefe, do pai, do chefe da família, do ‘dono do lugar’, do poder de hospitalidade” (Derrida, 2003, p. 7).

O estrangeiro é tido como louco, como aquele que desconhece as normas do lugar onde pede asilo. Seguindo Derrida citando a resposta do estrangeiro a Teeteto: “Tenho então medo de que o que eu disse possa dar-te ocasião de me olhar como desequilibrado” (Derrida, 2003, p. 11).

Ao fazer um breve comentário sobre a tradução dessa passagem, Derri-da (2003, p.11) ressalta que o termo em grego remete “literalmente ao louco, um doido que põe tudo de ponta-cabeça, que mete os pés pelas mãos”.

É interessante pensar nessa expressão que diz respeito à loucura: meter os pés pelas mãos. Interessante porque ela nos permite uma paráfrase que denota ao mesmo tempo estranhamento e disparate, se pensarmos na teoria e clínica psicanalíticas realizadas com surdos. Poderíamos dizer que a surdez – o surdo estrangeiro –, ao entrar no terreno da psicanálise, promove uma torção nos pressupostos básicos da escuta ‘metendo a boca pelas mãos e os ouvidos pelos olhos’. Isso porque a escuta clínica com surdos, diferente daquilo com que estamos habituados, dá-se pela comunicação em uma língua visual e gestual, uma língua que faz falar com as mãos e escutar com os olhos.

Assim, no impasse de lidar com as diferenças culturais e no esforço de garantir a soberania, o estrangeiro é percebido pelo outro dominador como inimigo e torna-se alvo de hostilidade. Na esteira dessa formulação, Koltai (2000, p. 24) comenta que o estrangeiro é fruto de um resto não identificado como familiar ao sujeito e acrescenta que este “surge, então, como a figura ideal para fixar esse objeto não-identificado”. Esse outro, estrangeiro, é reconhecido como não-familiar e, por isso, mantido à distância, encarado com suspeita, afastado do convívio. Nesse sentido, o estrangeiro é portador das projeções daquilo que o sujeito rechaça em si mesmo. Aqui encontramos um ponto de convergência onde o estrangeiro é tanto estranho, quanto infamiliar. Uma questão se impõe: como sustentar a ideia de que se deve amar o próximo como a si mesmo, se o próximo é desconhecido, vem de terras desconhecidas e fala uma língua que não se compreende?

De acordo com Oliveira (2016), o Surdo é um estrangeiro no próprio país. Isso porque o Surdo não vem de outras terras, mas nasce no mesmo território, é nato da mesma nação, responde pela mesma lei estatal que os ouvintes. Apesar disso, vive de modo análogo ao um estrangeiro, pois não compartilha a língua e os modos de vida do ouvinte.

O sentimento de estranheza, de sentir-se estrangeiro, é exposto por Laborit em sua autobiografia. A atriz surda (Laborit, 2000) comenta que, entre os familiares ouvintes, sentia-se estranha e que não conseguia se identificar com eles. No seio familiar ouvinte, vivendo a cultura ouvinte, sendo rodeado pela língua do ouvinte, a pessoa surda tem dificuldade em encontrar seu lugar. É um estrangeiro que não vem de fora, mas de dentro do núcleo onde vive. Da mesma forma, os familiares também não se identificam com o parente surdo, não falam sua língua, não conseguem se comunicar de forma plena, e acabam, mesmo que não intencionalmente, isolando-o do convívio.

De acordo com Wrigley (1997, p. 13) “a surdez é um país sem território. É nacionalidade sem uma origem geográfica.” Por compartilhar costumes e modos distintos de ser no mundo, cultura e identidade diversas, além de uma língua diferente, o surdo é um cidadão que, muitas vezes, é tomado como estrangeiro em seu próprio país. Além disso, Skliar (2016) diz que a surdez é um tema muito amplo e complexo, pois para se pensar sobre o surdo, devem ser considerados também aspectos raciais, de gênero, sociais, econômicos, etc.

Freud, em ‘O mal-estar na civilização’, fala que as pessoas e povos são inclinados à agressividade, e que, para que as sociedades não se desintegrem em função das ameaças de destruição, a civilização precisa “utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos” (Freud, 1930/1974a, p. 134). Mesmo com esforços, os povos encontram caminhos para satisfazer esse sentimento. Segundo o autor, os grupos culturais menores são alvo de investidas destrutivas e servem como escoadouro da agressividade dos grupos que comparativamente são maiores.

As minorias, portanto, são atacadas de diversas formas, desde práticas discursivas, práticas de controle e dominação, vindo até a serem agredidas fisicamente. A exclusão, isolamento e aprisionamento do diferente é uma tentativa dos grupos hegemônicos de garantir sua soberania. No contato com o surdo, não sabendo sua língua e desconhecendo sua cultura, o ouvinte se vê impelido a forçar o surdo ao uso da língua conhecida pelo ouvinte, ou deixá-lo de lado incomunicável e isolado em seu universo de silêncio. Prática essa que vai no sentido contrário do que pensa Freud.

“A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921/1976b, p. 133). Impossibilitado de se identificar com o surdo, o ouvinte encontra dificuldades em estabelecer um laço emocional com este, da mesma forma que a maioria encontra dificuldades em se identificar, estabelecer laços emocionais com as minorias. “A psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizam em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido” (Freud, 1921/1976b, p. 92).

Ressaltaremos a ideia que Freud traz de que a psicologia de grupo se interessa pelo indivíduo como membro de uma categoria. Acima são citadas algumas, mas devemos acrescentar duas que estarão de acordo com as formulações que expomos ao longo dessa produção, a saber: surdo e ouvinte. Nesse sentido, devemos considerar também os aspectos identificatórios no que diz respeito à surdez.

Ao falar do ódio e perseguição ao povo judeu, Freud aponta para características desse povo que serviriam de justificativa para perseguições e ataques. Os judeus, nas palavras de Freud (1939/1975),

vivem em minoria entre outros povos. ... Não são fundamentalmente diferentes, pois não são asiáticos, de uma raça estrangeira, conforme seus inimigos sustentam. ... São, não obstante, diferentes, com frequência diferentes de maneira indefinível, ... e a intolerância dos grupos é quase sempre, de modo bastante estranho, exibida mais intensamente contra pequenas diferenças do que contra diferenças fundamentais. (p. 111)

Notemos, a partir da citação acima, que Freud fala das pequenas diferenças entre povos, mas o tema não se restringe apenas a isso. Entende também que essas pequenas diferenças participariam no desenvolvimento de sentimentos de hostilidade e estranheza também entre as pessoas que, afora as pequenas diferenças, são semelhantes. A isso, Freud deu o nome de “narcisismo das pequenas diferenças” (Freud, 1930/1974a, p. 136).

Na esteira do que se disse sobre as condições forçadas e impostas aos surdos pelos ouvintes, a extinção do uso da língua de sinais é uma marca expressiva de violência. Desde que se considera o surdo como participante da categoria daquilo que é estranho e aterrorizante, estrangeiro, minoria, muitas práticas de banimento e exclusão foram realizadas pelos ouvintes. Encontramos como uma das expressões máximas do banimento forçado aos surdos e intolerância por parte dos ouvintes na figura de Alexander Graham Bell, como narra Wrigley (1997). O famoso inventor do telefone foi também um entusiasta da segregação dos surdos. Para ele, devia-se impedir o casamento entre surdos com o objetivo de evitar que um gene para surdez pudesse se desenvolver na espécie humana. Além do mais, observamos também no Congresso de Milão ocorrido em 1880 a expressão da rejeição dos ouvintes em relação aos surdos. Nessa ocasião, durante o congresso realizado para se decidir sobre o futuro dos surdos, foi votado pela maioria que a língua de sinais deveria ser extinta das salas de aula e que o uso da língua oral deveria ser priorizado para o ensino dos surdos. Socialmente, o surdo foi posto à margem, corroborando com as práticas de exclusão e higiene social, como aponta Foucault (2010).

Referindo-se ao ‘narcisismo das pequenas diferenças’, Freud (1930/1974a) comenta que este estaria presente nas rixas entre povos adjacentes como espanhóis e portugueses, alemães do norte e alemães do sul, por exemplo. Isso é fruto de elaborações que Freud faz a respeito de uma inclinação dos homens para a agressividade. “Os surdos são uma minoria linguística”, como afirma Mottez (1979/2017, p. 28). Isso implica em reconhecer que dispõe de uma língua própria que é não compreendida pela maioria. O surdo, em sendo um estrangeiro oriundo da própria pátria, tensiona a figura do ouvinte retirando-o do centro da soberania. Entretanto, também significa estar excluído da grande maioria das interações sociais correntes já que elas são organizadas para e por ouvintes, baseadas assim na linguagem oral e na sua versão erudita, a linguagem escrita. Inclusive, devido à ligação entre língua falada e língua escrita, inúmeros surdos são considerados iletrados funcionais (Guarinello, 2009).

Lane (2005, p. 292), afirma que “o ‘mundo surdo’ é um grupo étnico”. Sendo assim, apresenta suas características próprias no convívio com os pares, formas de nomear seus participantes, além de uma série de outros elementos que traz à tona para sustentar seu argumento. Evidencia-se, portanto, a posição do surdo como não considerada única e exclusivamente em relação ao ouvinte. Nesse sentido, o surdo deve ser considerado de forma autônoma e independente, sem que se mantenha uma comparação que entende o ouvido como norma e referência.

Assumindo que os surdos sejam uma minoria linguística, podemos compreender com mais clareza, a partir do que Freud formulou, a história de violência, controle, domínio e segregação vivida pelos surdos sob imposições dos ouvintes. As diversas práticas de violência impostas pelos ouvintes foi nomeada por Skliar como ‘ouvintismo’. Entre elas, o esforço por extinguir o uso das línguas de sinais, além de forçar o surdo a modelos de vida próprios dos ouvintes.

Mottez (1979/2017, p. 26), compreende que, “pertencer a uma minoria linguística significa também, e finalmente, ser objeto, por parte da maioria, de uma certa desconfiança e de um certo desprezo (grifos do autor)”. As ideias de Mottez corroboram com a leitura freudiana a respeito da violência entre os povos. E passamos a entender, dessa forma, os elementos de estranhamento e infamiliaridade que compõe o mal-estar vivido entre ouvintes e surdos.

Foucault (1978, p. 19), ao falar dos loucos, afirma que “se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade”. As pequenas diferenças denunciam uma diferença fundamental; a saber, não há qualquer coisa que seja igual à outra. Além do mais, a incomunicabilidade, a dificuldade do ouvinte em estabelecer um diálogo com o surdo denuncia, por sua vez, uma outra verdade, tão cara à psicanálise: a comunicação plena é impossível.

Um caminho para a hospitalidade

Até aqui, abordamos o tema da surdez pelas vias do infamiliar e do estrangeiro. Apontamos para o mal-estar vivido na tensão entre as diferenças e como esse foi levado a atitudes extremas na relação dos ouvintes com os surdos. Mas cabe, no momento, apontar para um horizonte possível de relação. Assim, é patente que possamos explorar o tema pela via da hospitalidade, abrindo as portas para receber o estrangeiro, o Outro, o infamiliar. Iniciemos no ponto onde Derrida (2003) compreende o começo da hospitalidade:

devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse a nossa língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo e em hospitalidade? (p. 15)

Em contato com surdos, é-se exposto não só à língua de sinais, mas também a uma nova cultura e modos de se relacionar. Strobel (2009) elenca alguns artefatos culturais próprios da cultura surda. Por artefato cultural, a autora Surda entende que são “aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (p. 39). Dos oito artefatos expostos pela autora, destaco a experiência visual e o linguístico. Conforme Wrigley (1997, p. 29), “a surdez é eminentemente uma experiência visual”, do que deriva a comunicação através do uso de uma língua de sinais – outro artefato cultural.

Considerar a visualidade como aspecto principal no terreno da surdez descentra a ideia de que a surdez diz respeito à audição. Assumimos, a partir de então, a ideia de que audição, na caso a perda desta, é um problema eminentemente do ouvinte. De acordo com Wrigley (1997, p. 15), “o grau de perda auditiva importa pouco para os que participam da comunidade surda. O que de fato importa e é mais levado em consideração é o uso da língua de sinais”. Nesse sentido, podemos compreender que a comunicação é prioridade.

Uma vez que passamos a reconhecer a estrangeiridade inerente ao tema da surdez, que passamos a evidenciar o quanto os surdos vivem – no convívio com ouvintes - experiências análogas a essas citadas acima, podemos também considerar os surdos como pessoas deslocadas. Mas há que se fazer uma ressalva, pois não assumimos que seja uma prática deliberada dos surdos, mas uma condição muitas vezes forçada pelo ouvinte. Aos surdos também resta a língua como elemento fundamental e marca identitária. A língua de sinais, seu uso e manutenção, é uma conquista dos surdos que não deve ser depreciada.

Derrida (2003, p. 79) afirma que “as ‘pessoas deslocadas’, os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os nômades têm em comum dois suspiros, duas nostalgias: seus mortos e sua língua”. Devemos, portanto, pedir ao surdo que fale a língua do ouvinte? Devemos exigir do surdo que fale uma língua estrangeira a ele mesmo? Depois de reconhecida a língua de sinais em seu estatuto linguístico (Stokoe, 1960) e tomando-a como marca identitária do povo surdo, devemos ainda força-los à comunicação nos moldes da comunicação oral dos ouvintes?

Da mesma forma, devemos fazer essa pergunta quando consideramos a chegada do surdo no campo teórico-clínico da psicanálise. Que hospitalidade oferecemos a esse estrangeiro que interroga os fundamentos de uma teoria e clínica pautada majoritariamente pela oralização? Que esforço fazemos para adequar os surdos dentro de um escopo teórico? Que transformações na lógica de operação dos conceitos devem ser realizadas? Oferece-se, portanto, hospitalidade, ou ainda há resistências que, de maneira hostil, fecham as portas para uma presença estrangeira? Derrida (2003) aponta para uma leitura de Benveniste a respeito da palavra hospitalidade. O que diz indica também para o encontro com uma palavra antitética. Contida na hospitalidade, ou no seu avesso, estaria a presença da hostilidade. Assim, o estrangeiro (hostis) é recebido tanto

como hóspede, quanto como inimigo. (Derrida, 2003, p. 41). O surdo é concidadão, mas recebido como estrangeiro. Da mesma forma que o conteúdo recalcado, que brota de dentro, familiar, heimisch, mas que é vivido como algo totalmente estranho. Estranhamento esse que dá margem a práticas de exclusão, na ausência de uma capacidade hospitaleira.

Vindo de um país sem território, falando um língua distinta, o surdo deve ser recebido pelo analista como quem recebe um estrangeiro. Não apenas nos consultórios de psicanálise, mas também no próprio campo teórico da psicanálise. O surdo, em seu estatuto de estrangeiro, sacode o dogmatismo ameaçador de uma teoria e uma clínica pautadas principalmente pela lógica ouvintista.

Em consonância como o que diz Derrida (2003, p. 69),

digamos sim ao que chega (grifos do autor), antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação, quer se trate de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, quer o que chega seja ou não cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou morto, masculino ou feminino. (p. 69)

Digamos sim ao surdo que chega na sala de análise, no campo teórico da psicanálise e estejamos dispostos e disponíveis a uma hospitalidade absoluta, que não se impõem como dever ou caridade (Wrigley, 1997) ou como atitude hostil mascarada de benevolência (Lane, 1992).

Referências bibliográficas

- Breuer, J. (1988). Srta. Anna O. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad. Vol. 2, pp. 57-78). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Derrida, J. (2003). Da Hospitalidade. Escuta.
- Foucault, M. A História da Loucura na Idade Clássica (1961). 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- Freud, S. (1974a). O Mal-estar na Civilização. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 75-174). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1974b). Sobre o Narcisismo: um introdução. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 85-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1975). Moisés e o Monoteísmo. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 13-164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (1976a). O Estranho. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 271-318). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1976b). Psicologia de grupo e a análise do Ego. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 89-182). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Guarinello, A. C. (2009) Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.1, p.99-120, jan.-abr. 2009.
- Halabe, D. J. E. (2018). A psicanálise realizada em Libras: Demandas e desafios na clínica com pacientes surdos. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Koltai, C. (2000). Política e psicanálise: o estrangeiro. Escuta.
- Laborit, E. (2000). O grito da gaivota. Editorial Caminho.
- Lane, H. (1992). A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Instituto Piaget.
- Lane, H. (2008). Do Deaf people have a disability?. In. H. Dirksen & L. Bauman (Ed.), Open your eyes: Deaf studies talking (pp 277-292). Gallaudet University Press.
- Mottez, B. (2017). Os surdos como minoria linguística. Revista Espaço, 48: 21-34. Rio de Janeiro. (Originalmente publicado em 1979).
- Rank, O. (2014). O Duplo: um estudo psicanalítico. Dublinense.
- Rezende, P. L. F. (2012) Implante coclear: normalização e resistência surda. CRV
- Skliar, C. (Org.). (2016). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Mediação.
- Solé, M. C. P. (2005). O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Souza, M. W. de L. (2021). O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não)exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Stokoe, W. 1960. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. Studies in Linguistics, n8, University of Buffalo.
- Strobel, K. (2009). As imagens do outro sobre a cultura surda. Editora da UFSC.
- Trachtenberg, R. (2013). Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da (na) complexidade. Revista Brasileira de Psicanálise, 47(2), 55-66. Recuperado em 13 de março de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Xibolete. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 18/03/2023
- Wrigley, O. (1997). The Politics of Deafness. Gallaudet University Press.